



Queridos!

Este ano minha Carta à Ordem vem coincidir com o início do Ano da Vida Consagrada em que o Papa e a Igreja nos pedem para lembrar com gratidão o passado, viver o presente com paixão e abraçar o futuro com esperança. Um ano, portanto, durante o qual será importante, para cada um de nós e para as comunidades, aprofundar a consciência da nossa vocação a seguir Cristo mais de perto na forma especial de vida consagrada, que é o nosso carisma cisterciense.

Aquilo que me leva iniciar convosco através desta Carta é um trabalho e um caminho de aprofundamento da nossa vocação, retornando à sua fonte, porque somente assim uma família religiosa, que no longo caminho de sua história se enriqueceu muito, mas também, muito se diversificou e dispersou, pode reencontrar o frescor do início. Um carisma, sendo um dom do Espírito, não eventhece nunca enquanto tal, mas nas pessoas e comunidades, muitas vezes, o seu frescor se amorna, perde o sabor, fervor e paixão; como diz o Espírito à Igreja de Éfeso, mesmo sendo fiel e generosa: "Mas tenho contra ti que abandonaste o teu primeiro amor" (Ap 2,4).

Quando perdemos a paixão pelo presente da nossa vocação, não podemos olhar ao passado com gratidão, nem ao futuro com esperança, porque só aquilo que arde no presente dá razão, fundamento e realidade à gratidão e esperança. A gratidão pelo passado e a esperança pelo futuro são sentimentos que nascem da paixão pelo presente. A paixão pelo presente contém e alimenta a gratidão e esperança. Um casal que se ama hoje com paixão, é grato pelo seu passado e olha com esperança para o seu futuro. Um casal, ao invés, no qual amor não arde mais hoje, pensa no passado com saudade e pesar e ao futuro com temor ou sonhando com tempos melhores.

A verdadeira questão que devemos nos por, a única questão importante para viver com plenitude a vida consagrada, como toda a vida cristã, é então como podemos viver hoje a nossa vocação com paixão. Somente a partir daí se reaviva a chama da gratidão e esperança.

O encontro

Muitas vezes, se limita o "primeiro amor" ao apaixonar-se. Porém, quando o Apocalipse fala do "primeiro amor", mais que a um sentimento refere-se a um encontro. O encontro é maior e mais profundo do apaixonar-se, porque o encontro é um acontecimento, no qual, tudo aquilo que importa são, antes de tudo, as pessoas. Se, muitas vezes, hoje os laços familiares e comunitários não duram, é talvez porque se acredita que a fidelidade esteja em volta de um sentimento, mais do que na relação com as pessoas, com as quais, nos unimos. Toda vocação, ao invés, pede fidelidade à pessoa ou às pessoas a quem a própria vocação nos doa e pede para pertencem.

A vocação religiosa significa uma adesão íntima ao Senhor Jesus, uma fidelidade para "ficar com Ele" (Mc 3,14), e a ficar com as pessoas através das quais nos foi confiado obedecê-Lo e amá-Lo na realidade do seu Corpo eclesial. São Bento é claríssimo em indicar, para quem é chamado à vida monástica, a exigência de "não preferir absolutamente nada a Cristo" (RB 72,11), mas dentro da obediência a um abade, na adesão estável e fraterna a uma comunidade.

Quando se é fiel a seguir Cristo pessoalmente, e nas pessoas que o representam para nós, os sentimentos, mais que a origem, são o fruto da própria fidelidade. Se no início da Regra, São Bento pede uma obediência ao abade "sem demora", quase mecânica (RB 5,1) no final pede de "amá-lo com sincera e humilde caridade" (72,10). Pede-se entre os irmãos uma relação hierarquicamente ordenada de serviço e obediência recíprocos (RB 63), o resultado deve porém ser que "vivamos castamente em um amor de fraternidade" (72,8). A fidelidade às pessoas produz a ternura, que não é o amor cego que idealiza o outro, mas a verdadeira maturidade do relacionamento crescido em um caminho de conhecimento recíproco e perdão mútuo.

Também a fidelidade a Cristo amadurece assim, tornando-se sempre mais afetiva. O Mestre, o *Rabi* que se seguiu no início (cfr. Jo 1,38), torna-se o Amigo, o Esposo que encontrando, se cumpre a vida de cada pessoa e de toda a humanidade (cfr. Mt 25,1-11). O encontro com Ele, torna-se caminho junto com Ele, amadurece em abraço, em comunhão de coração.

O Evangelho é repleto de encontros com o Senhor. Meditando o encontro com Jesus dos apóstolos, da Samaritana, de Zaqueu, do jovem rico, de Maria Madalena, dos leprosos, dos pecadores, dos escribas e fariseus, e de tantos outros, aprofundemos o encontro único e exclusivo que cada um de nós é chamado a viver com Ele. Também o Evangelho dos discípulos de Emaús é a descrição detalhada do

que significa encontrar o Senhor ressuscitado, e descobrimos que Cristo venceu a morte e o pecado, justamente para que possamos encontrá-lo e viver em comunhão com Ele.

"Caminhava com eles"

O episódio de Emaús nos ajuda também a entender que para aprofundar o nosso encontro com Cristo, precisamos fazer um caminho com Ele, e que muitas vezes o estamos fazendo sem perceber. "Enquanto iam conversando e discorrendo entre si, o mesmo Jesus aproximou-se deles. Mas os olhos estavam-lhes como que vendados e não o reconheceram" (Lc 24,15-16). É ele quem toma a iniciativa de nos encontrar, que nos acompanha, nos fala e nos doa o seu Espírito, permanece conosco na Eucaristia, na Igreja, para que os nossos olhos e nossos corações possam abrir-se ao evento do encontro com o Senhor da vida.

O encontro com Jesus, antes de tudo, purifica nossos pensamentos, medos, projetos: Jesus "disse-lhes: 'O que é que vocês andam conversando pelo caminho?' Eles pararam, com o rosto triste. (...) 'Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu'." (Lc 24,17-21)

Os dois discípulos de Emaús vivem seu presente com tristeza, sem paixão, porque também quando estavam com Jesus, não olhavam ao futuro com esperança n'Ele, mas somente com o desejo que Ele realizasse seus projetos de glória e poder. Por isso agora olham para o passado sem gratidão, porque suas expectativas humanas foram frustradas.

Jesus os corrige e os acompanha justo na purificação de suas memórias, suas paixão e esperança. O faz permanecendo com eles, aprofundando com eles a Palavra de Deus à luz do Evangelho, da Boa Nova da Ressurreição que, se ainda não fora escrita, já aconteceu e começa a se difundir. O encontro com Jesus, quando toca a nossa vida, nos restitui uma relação nova com todas as dimensões da vida e do tempo.

O episódio de Emaús nos ensina, então, que o encontro com Cristo muda a nossa vida e a renova somente se torna-se um caminho com Ele: um caminho

– de correção e conversão: "Gente sem inteligência e tardos de coração para crer!" (Lc 24,25);

– de escuta: "Ele explicava em todas as Escrituras as coisas referentes a ele" (24,27),

– de pedido: "Fica conosco!" (24,29),

– de comunhão: "Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles" (24,30).

O testemunho do coração ardente

Somente assim o encontro com Jesus transforma a nossa pessoa desde o profundo do coração: "Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho?" (Lc 24,32). Somente Cristo, o Verbo que caminha conosco, pode transformar o nosso interior. E o que produz essa transformação? Nos permite reconhecer Cristo e ver tudo em sua luz. Aquilo que antes era uma desilusão, tristeza e temor, de repente se enche de gratidão, paixão e esperança. E é isso que nos faz testemunhas, testemunhas destemidos e incansáveis do encontro com Ele, presente e vivo: "Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze, reunidos com os outros. E estes confirmaram: "Realmente, o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão!". Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão." (Lc 24,33-35)

O testemunho de Cristo torna-se, na Igreja e para o mundo, como um concerto, um jogo de luzes que se refletem e se intensificam mutuamente. O meu encontro com Ele se reflete no encontro do outro com o Senhor, e isto torna o encontro mais certo, mais belo, vivo e real. Nasce uma comunhão, uma fraternidade, uma amizade que nada pode destruir, porque o seu fundamento não é o sentimento, simpatia, coerência, mas a experiência compartilhada da presença viva do Senhor em nosso meio.

E o Senhor se une sempre a este concerto sinfônico do testemunho do encontro com Ele, para tornar sempre mais profunda esta experiência inesgotável: "Ainda estavam falando, quando Jesus apareceu no meio deles, e disse: 'A paz esteja convosco'." (Lc 24,36)

Quando em uma comunidade se cultiva o testemunho recíproco do encontro e do caminho com o Senhor, também o encontro com a sua Presença, que doa paz, aumenta de intensidade e evidência, não somente para os membros da comunidade, mas para o mundo inteiro.

Ver Cristo no seu Reino

Enquanto iniciava a escrever esta carta, em um campo agrícola das nossas Irmãs de La Paz, a 4000m altura, era memória de S. Carlos Borromeo, um bispo "pós-conciliar" como nós. Tocou-me muito a oração da Missa, porque parece-me exprimir, em síntese, toda o dever e a graça da vida cristã e, especialmente, da vida consagrada:

"Ó Deus, conservai no vosso povo o espírito que animava São Carlos Borromeu, para que a vossa Igreja, continuamente renovada e sempre fiel ao Evangelho, possa mostrar ao mundo a verdadeira face do Cristo Senhor."

A conformidade ao Evangelho que renova incessantemente a Igreja, não deve tanto se preocupar em transmitir uma mensagem de coerência moral, mas de refletir ao mundo a verdadeira face do Senhor, isto é, o encontro com Ele. A verdadeira face de Jesus é aquele olhar de amor que procura cada ser humano, com o desejo de encontrá-lo e de caminhar com ele. A verdadeira face do Senhor aparece no mundo, se consagramos o caminho da nossa vida ao encontro com Ele, como os discípulos de Emaús, e nos deixamos tomar pela urgência apaixonada de dar este testemunho.

Tudo isto me lembrou uma passagem do Prólogo da Regra de São Bento, do qual citamos muitas vezes uma ou outra "frase famosa", mas que meditamos raramente como um todo:

"O que há de mais doce para nós, caríssimos irmãos, do que esta voz do Senhor a convidar-nos? Eis que pela sua piedade nos mostra o Senhor o caminho da vida. Cingidos, pois, os rins com a fé e a observância das boas ações, guiados pelo Evangelho, trilhemos os seus caminhos para que mereçamos ver aquele que nos chamou para o seu reino." (RB Prol. 19-21)

São Bento sintetiza aqui todo o caminho traçado pela Regra como uma vocação a seguir a Cristo, no caminho da vida segundo o Evangelho. Faz-nos entender que a nossa vocação é, antes de tudo, um ser atraído e afascinado pelo Senhor: "O que há de mais doce?". A beleza do Senhor, uma beleza que coincide com a sua bondade e misericórdia, é todo o âmbito dentro do qual, somos chamados a segui-lo. Segue-se Cristo contemplando-o, desejando a sua Face. Sua doçura nos chama e atrai, e a seguimos para vê-lo, a contemplá-lo no seu Reino. O Evangelho, antes de ser uma lei, é a beleza do Verbo de Deus, que encarnando-se, tornou-se uma experiência de vida para nós. O compromisso da fé e boas obras, mais que um dever, é apresentado aqui como um "cingir os rins", para correr mais depressa no corresponder à atração de Cristo e segui-lo no caminho da vida segundo o Evangelho.

Jesus nos chama a entrar "no seu Reino". O Reino é onde vemos o Senhor. Não é apenas um Reino futuro, um reino além da vida, porque Cristo se manifestou no mundo, e nos pede e oferece de vê-lo na oração e na caridade fraterna.

É sempre mais urgente para a humanidade de hoje, tão perdida e ferida, que quem é chamado a seguir Jesus de perto, seja para todos, essencialmente, um sinal deste mistério. Quem olha Cristo, manifesta a sua verdadeira Face, e o mundo precisa ver a verdadeira face do Senhor no olhar de quem consagra toda a vida a "merecer vê-lo". Merece ver Cristo quem se deixa atrair pela sua beleza mais do que qualquer outra beleza. O desejo d'Ele acima de tudo, o desejo que a sua voz, suas palavras, mexa conosco, como no coração dos discípulos de Emaús, é verdadeiro merecimento do homem para com Deus. Ao jovem rico não faltavam virtudes, mas o desejo, a preferência por Cristo. Não deixou-se atrair pela beleza de Jesus, isto é, pelo amor de seu olhar (cfr. Mc 10,21).

Quanto importante é que, na nossa formação inicial e permanente, nos ajudemos a entender e viver a obediência, pobreza, castidade e humildade como âmbitos onde preferimos a beleza de Cristo a qualquer outra atração! Somente assim estas escolhas e virtudes não permanecem estéreis, mas encarnam em um testemunho de amor, que permite também aos outros ver a verdadeira face do Senhor.

O mundo necessita do Reino de Deus, necessita que reine neste, o humilde Rei crucificado e ressuscitado, que somente sabe amar o homem e amando, o salva. Somos chamados a desejar ver Cristo, porque vendo-o, reconhecendo sua presença em nosso meio, o próprio Reino possa entrar no mundo. Quem olha Cristo muda o mundo.

Luz para iluminar as nações

Consagrar a vida ao encontro com Cristo é, então, o dever e a graça essenciais da vida consagrada. Estamos verdadeiramente concentrados neste dever na nossa vida de oração e através de nossas atividades? Estamos propensos ao encontro com Ele em todos os âmbitos da nossa vida e vocação, na liturgia como no trabalho, na solidão como na vida fraterna, ao interno da comunidade como na nossa relação com o mundo? O encontro com Cristo é a única experiência capaz de unificar tudo aquilo que vivemos, e unificando-o, nos faz testemunhas felizes e serenos, de uma vida nova, de outra forma impossível. Na relação com Ele, nos é dado o cêntuplo na relação com cada pessoa e cada circunstância. A virgindade pelo Reino é esta consagração ao encontro prioritário com o Senhor, que nos torna fecundos em tudo, e ajuda todos os membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja, a viver com plenitude e fecundidade a sua vocação.

Se tem uma coisa que somos chamados a aprofundar, para melhor testemunhar o amor pela Igreja e pelo mundo neste Ano da Vida Consagrada, creio seja justamente este encontro com Cristo. É um tesouro que, quem renuncia a tudo para comprá-lo, se reencontra a possuí-lo como um dom para todos.

Na parábola escatológica das dez virgens que esperam o esposo, em Mateus 25,1-13, a sabedoria das cinco virgens que puderam entrar nas núpcias, consiste, essencialmente, em ter levado a sério o encontro com o Esposo, preparando óleo suficiente. As virgens tolas, ao invés, não colocaram todos os seus esforços, para estar prontas para o encontro; mas aquelas que haviam óleo suficiente, e portanto lâmpadas acesas, com a luz de sua espera de Cristo, puderam iluminar também os outros e o lugar de suas vidas, no qual, o Esposo deveria entrar. A vigilância cristã é uma lâmpada que, acesa por Cristo, ilumina tudo e todos ao nosso redor, revelando a todos que somos feitos para encontrar o Senhor e para unir-nos a Ele que vem. Toda a realidade, toda a humanidade é feita para acolher Cristo Senhor. Somos testemunhas disto para o mundo?

Ao centro da parábola das dez virgens, em um certo momento ouve-se um grito: "Eis o esposo! Ide ao seu encontro!"(Mt 25,6). É um grito que acorda todos em meio a noite e ao sono. Um grito que não sabe-se de onde vem, se de fora ou de

dentro da casa. Talvez porque é o grito que ressoa do próprio Deus para o mundo inteiro, na qual toda a realidade faz eco. Deus e toda a criação nos gritam o dever essencial da vida: sair do nosso sono, da nossa confortável casa, para consentir o encontro com Cristo, que já está na porta e bate para entrar. Quem o acolhe, não é conduzido para fora de sua vida cotidiana: reentra, como as virgens prudentes, mas junto ao Esposo, para que a realidade cotidiana da vida se torne o lugar das núpcias de Deus com a humanidade, conosco e com todos.

Todos os dias devemos despertar do sono e perguntar-nos qual saída de nós mesmos que nos foi pedida para ir encontro a Cristo, para permiti-lhe entrar em nosso dia, para celebrar a festa da comunhão com Ele em tudo, com todos, sempre.

Sabemos – e São Bento não deixar de nos lembrar – que Cristo quer que siamos encontro à Ele no próximo, no pobre que pede a nossa atenção, nosso amor, tempo e talentos. Sabemos que nos pede para sair encontro à Ele em cada aspecto da vida comunitária, começando pela oração em comum, mas também na obediência, no silêncio, na renúncia de tantas distrações inúteis e nocivas. Sabemos que Cristo nos pede para sair ao seu encontro também criando um espaço para a escuta e o amor em nossos corações; como estamos longe da consciencia de ter um coração feito para encontrar Deus!

"Eis o esposo! Ide ao seu encontro"

Talvez devemos entender a pobreza, obediência, castidade e a estabilidade comunitária que professamos, e toda a "*conversatio morum*" beneditina, como um "sair encontro a Cristo Esposo." Isto nos ajudaria a viver a nossa vocação com verdade, humildade, ardor. Isso nos ajudaria a sair do sono, da noite, acesos como lâmpadas que realmente podem dar luz ao mundo inteiro.

O tempo de Natal termina na solenidade da Apresentação do Senhor, que também é a festa da vida consagrada. O velho Simeão no cântico que a Igreja nos faz recitar em Completas, é o modelo de vida consagrada, porque viveu somente para ver Cristo, e vendo-o, viu Nele "a luz para iluminar as nações" (Lc 2,32).

Esta é a essência da nossa vocação, com a qual devemos verificar a nossa fidelidade, todo o nosso compromisso: viver para ver em Cristo a Face, a Luz, que dá plenitude à vida de cada ser humano. E olhando Ele, manifestá-lo a todos.

Que o Advento e as festas Natalícias, bem como todo o Ano da Vida Consagrada, nos conceda de aprofundar o nosso encontro com Jesus, sempre, com todos e através de tudo, e de preferi-lo a todas as coisas, por amor a humanidade inteira!

Vosso.



Fr. Mauro-Giuseppe OCist
Abade Geral